



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8914 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

ESCOLAS DE SAMBA E SOCIALIZAÇÃO DE JOVENS: REDES E DISPOSIÇÕES EM PERIFERIAS URBANAS

Leandro Rogério Pinheiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Vitoria Santanna Silva - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ESCOLAS DE SAMBA E SOCIALIZAÇÃO DE JOVENS: REDES E DISPOSIÇÕES EM PERIFERIAS URBANAS

Resumo: O presente trabalho se volta a processos de socialização em periferias urbanas, atendo-se a práticas de jovens em escolas de samba. Inspirada em contribuições de Bernard Lahire, a pesquisa procura considerar as atividades desenvolvidas pelos indivíduos nas agremiações, compreendendo-as em articulação às disposições em jogo. Em campo, trabalhamos na realização de entrevistas narrativas, trazendo, aqui, a análise de itinerários de três jovens, com vistas a contextualizar sua participação como ritmistas e educadores de bateria. Resultados parciais indicam que a integração às escolas de samba e ao carnaval constitui redes de interdependência que mesclam os âmbitos familiar e territorial, em extensa fruição de músicas e ritmos precedente à prática instrumental. Tais redes instigam os atores a atitudes de comprometimento, à circulação urbana e a táticas de viabilização das atividades, constituindo, em alguns casos, disposições transferíveis a espaços laborais. O modo de educar praticado se pauta, sobretudo, por mimese e orientações orais, valorando uma vivência de imbricação, a uma só vez, rítmico-coletiva e afetivo-moral, e cuja experiência juvenil se dá referenciada à condição adulta.

Palavras-chave: Juventudes; Socialização; Escola de samba; Periferias.

Pouco visibilizada, se comparada às expressões de outras capitais no país, as escolas de samba e o carnaval de Porto Alegre/RS mobilizam, anualmente, significativos contingentes para preparação e fruição cultural. Com organização bastante capilarizada pelas periferias da cidade, o evento vem se modificando ao longo da história, ocupando espaços citadinos diversos e explicitando relações de poder na configuração das práticas artísticas urbanas.

A década de 1940 foi o período de gestação das primeiras escolas de samba na cidade. Foram fundadas, por exemplo, a 'Escola do Morro' pelos irmãos Nelson e Joaquim Lucena

Filho, cuja família participou de várias agremiações carnavalescas em Porto Alegre. À época, foram criados também blocos ‘Bambas da Orgia’ e ‘Nós os Democratas’, tendo como integrantes Lupicínio Rodrigues e o grupo Trevo de Ouro, atores importantes não só para o carnaval gaúcho, mas para história da cultura negra. Lupicínio, por exemplo, teve sua iniciação musical no carnaval e, com 14 anos, começou a carreira, escrevendo marchinhas para o evento na capital gaúcha (GERMANO, 1999).

Hoje, o carnaval assume uma estrutura competitiva semelhante às mais conhecidas, como a da cidade do Rio de Janeiro. Há uma categoria principal de agremiações e um grupo de acesso, onde se encontram representadas especialmente as escolas de samba comunitárias, cujos vínculos com a população no território sede ainda é referencial, em que pese a escassez comparativa de recursos para as atividades que produzem. Desde 2004, os desfiles de carnaval são realizados em local específico, no Complexo Cultural do Porto Seco, zona norte de Porto Alegre. Antes disso, o evento oscilou entre realizações disseminadas por diferentes bairros, geralmente periféricos, e apresentações em áreas centrais. Neste sentido, a constituição de um local próprio e adequado para organização e realização do carnaval foi, por décadas, pleiteada pelas escolas de samba, mas, sujeita às disputas pela ocupação do espaço urbano, concretizou-se em local distante da sede das agremiações e de suas comunidades, e sem a totalidade das instalações prometidas (SANTOS, 2011).

Fazemos essa brevíssima contextualização com o fito de situar dois aspectos importantes para a análise que segue. Primeiramente, a forte articulação das atividades das escolas de samba não só às territorialidades negras historicamente produzidas na cidade, mas, em consonância, a imbricação da musicalidade à produção do espaço de possíveis dos atores. Em segundo lugar, a partir da revisão de literatura (SANTOS, 2013; CANDEIAS, 2019; SILVA, 2006; GUTERRES, 1996; ANTONIO, 1997; GERMANO, 1999) sinalizar que o carnaval e as escolas de samba são, muitas vezes, espaços de construção de identidade e de narrativização da comunidade. O estudo de Santos (2011) pode ilustrá-lo:

O sentido geral dos relatos, salvo suas especificidades, informam a Estado Maior como referência espacial de lazer, cultura, encontro e cidadania. Foi através da vivência carnavalesca que constituíram relações de sociabilidade numa região que dispunha de poucos recursos. (SANTOS, 2011, p.138)

Diante desse contexto, inserimos a questão pelas juventudes. Notabilizadas as participações juvenis em práticas artísticas e esportivas nas últimas décadas, com destaque às dinâmicas de sociabilidade e ocupação do espaço público (Dayrell e Carrano, 2014), escolhemos problematizar as experiências do juvenil tomando uma prática musical não necessariamente associada às culturas juvenis, mas que mobiliza muitos jovens em periferias urbanas. Perguntamo-nos, então, *como se constitui a socialização de jovens ritmistas e educadores em escolas de sambas?*

Essa questão busca guiar o presente resumo a partir de uma sociologia à escala individual, em atenção aos cotidianos e itinerários dos indivíduos. Neste sentido, optamos por uma aproximação à noção de ‘socialização’, inspiramo-nos em contribuições teórico-metodológicas de Bernard Lahire (1997; 2002; 2004). O autor parte da concepção de que as ações do indivíduo se dão em meio a uma pluralidade de vivências, configuradas desde diferentes princípios socializadores, agentes e espaços de atuação. Daí a necessidade de uma investigação detida sobre as trajetórias individuais, destacando-se a diversidade de contextos e práticas regulares, assim como uma atenção aos modos de agir ativadas pelos indivíduos em suas experiências, para identificação de inclinações para ação incorporadas (LAHIRE, 2004).

Em campo, trabalhamos na realização de entrevistas narrativas biográficas, trazendo, aqui, a análise de itinerários de três jovens (entre 21 e 29 anos), com vistas a contextualizar

sua participação como ritmistas e educadores de bateria. A partir das interlocuções por vídeo efetivadas em 2020 e 2021, foi possível elaborar um breve cenário de socialização. Baseados em resultados parciais de uma pesquisa de mestrado, buscamos identificar alguns dos ‘traços disposicionais’ que são adquiridos e o modo como as práticas educativas são produzidas, para discutir, então, experiência juvenil em jogo.

Metodologicamente, a escolha por jovens ritmistas e educadores se deve à busca por sujeitos imersos nas atividades das agremiações, que, conforme as rotinas e convenções das escolas, foram alocados em aprendizagem com os mais velhos e, hoje, precisam operar modos de ensinar os menores. Além disso, ritmistas estão vinculados à bateria, considerada o coração da escola de samba, e, uma vez que se destaquem, poderão ser diretores e, após, mestres de bateria, responsáveis por todos os músicos. E, vale acrescentar, politicamente, optamos por jovens negros, não só porque são maioria neste contexto, mas porque este trabalho deseja visibilizar a produção cultural entre aqueles estigmatizados como pobres e violentos, quando são vítimas regulares de homicídios no país (WAISELFISZ, 2015).

Passando aos resultados sistematizados até o momento, podemos destacar, primeiramente, que os jovens narram as vivências nas escolas de samba atribuindo sentidos aos territórios onde vivem, em contraponto à violência e à precariedade associada usualmente às periferias. As agremiações foram mencionadas como lugares de interações e de sociabilidade. Além disso, nossos interlocutores versavam as experiências desde a posição de produtores culturais e musicistas, aludindo as adversidades como cenários desde os quais capturaram a oportunidade legada na comunidade e protagonizaram um percurso alternativo.

Também é possível depreender que a escola de samba se configura como espaço de socialização primária para esses jovens, visto que desde pequenos a acessavam junto com a sua família. As agremiações integravam dinâmicas de fruição musical e circulação pelos territórios do bairro e da cidade, de tal como que as redes de interdependência que constituíam as infâncias dos sujeitos contavam com vizinhos, amigos, colegas de atividades musicais. Observamos também que o convívio com práticas rítmicas se dava em casa desde muito cedo, sendo que, neste sentido, o espaço doméstico e o espaço recreativo carnavalesco se interpenetravam frequentemente. A prática como ritmista era antecedida por um longo período de fruição compartilhada.

Eu comecei no Estado Maior da Restinga, eu já veio do samba, a minha família já vem do samba. O meu pai desfilava em bateria, na bateria do Imperador, a minha mãe também desfilava. Quando eu tinha 8, 9 anos a gente já desfilava no carnaval, eu, minha mãe, meu pai, minha irmã. (Marcos, abril de 2021).

A maioria das aprendizagens verbalizadas dizem respeito à disposições para crer e laços afetivo-morais. De forma geral, as falas nos remetem a laços de reciprocidade e amizade, referindo ainda certa hierarquização na interação educativa, em respeito aos mais velhos e experientes.

Aprendi muita coisa boa na escola de samba, amizade, companheirismo, bastante gente boa de coração que eu levo pra vida. E felicidade, a escola de samba é aquele momento de lazer e compromisso (...). É companheirismo, alegria quando revê os amigos, fazer um som, o cara gosta. (Pedro, abril de 2021).

Ademais, as experiências contadas permitem considerar que, pelo ensejo da participação, os jovens aprendiam a circular pela cidade (em eventos) e pelo bairro, contornando situações de conflito para acessar ensaios ou retornar a casa. A demanda por comprometimento em situação de escassez de recursos instigava, ainda, que aprendessem a buscar, individual ou coletivamente, alternativas para realizar das atividades.

Em algumas situações, os jovens mencionavam disposições que conseguiam transferir

a outras arenas, como as práticas de trabalho. Narraram ocasiões em que abriram mão de períodos de descanso e atividades de lazer para se dedicar às escolas de samba. Tal abnegação era citada em posição ambivalente: ora se lamentava a sobrecarga de tarefas e impossibilidade de seguir com o vínculo frente às outras demandas, como ocupação laboral e constituição de nova família; ora era enaltecida como circunstâncias cujos aprendizados repercutiam em seus cotidianos, especialmente na valoração moral de alguns atributos.

Aí a gente tem que ter um jogo de cintura, para pessoa que entra nesse meio e quer ser diretor, quer ser mestre de bateria, quer ter algum cargo dentro da escola de samba, isso em qualquer escola de samba, não só na restinga, a pessoa tem que ter paciência (...) É bom que tu aprenda isso dentro da escola de samba, dentro de uma coisa que, digamos assim, tu não tem um compromisso como um trabalho do que tu aprender no trabalho entendeu? Esse tipo de coisa, aprender a lidar com as pessoas, eu aprendi muita coisa que até hoje eu uso nas minhas audiências que eu faço no escritório, na minha faculdade, muita coisa de lidar com as pessoas eu aprendi dentro da escola de samba. (Marcos, abril de 2021).

Se, por fim, nos atemos às práticas educativas conduzidas por nossos interlocutores, suas narrativas pareciam se adequar à tradição das escolas de samba, fazendo uso da mimese e de orientações orais. Desta forma, o fazer educativo mantinha certa assimetria entre educadores e educandos, de um lado, referenciando-se na experiência atribuída àquele com mais idade e vivência musical-carnavalesca, e, de outro, ancorando-se na incorporação rítmica que precedeu o ingresso do educando. Os processos versados nas entrevistas indiciam que a prática como educador sintoniza-se às incursões rítmico-coletivas e afetivo-morais que percorrem os itinerários dos ritmistas.

Ah, eu aprendi a ter bastante respeito sabe. Principalmente pela ‘Samba Puro’, eu amo de paixão mesmo. Respeitar o próximo também e ter bastante... sei lá como pode se dizer... humildade sabe (...) Humildade, eu acho que tem que ter bastante pra não ter... tem que respeitar também, tu não pode chegar lá querendo ser o mestre, sabe... tem que começar da base, ritmista e vai indo ali sempre ajudando.. diretor.. depois tu vira o mestre não dá pra querer chegar ali e já querer ser o mestre sabe e tu aprende sei lá com as crianças do morro, com os adultos também. (João, março de 2020.)

Assim, a escola de samba é versada como espaço “seguro” de socialização, apropriado ao espaço de possíveis daqueles jovens. Se observamos ali a possibilidade de protagonizarem práticas culturais e lograrem reconhecimento no circuito carnavalesco cidadão. Se ali está representada também a possibilidade de fruição musical e sociabilidade entre pares, é preciso aventar também que a relação com o juvenil naquelas agremiações parece se orientar por uma referência à tradição adulta, concebendo a juventude sobretudo como transição.

Referências:

- ANTONIO, C. F. **Carnaval, Identidade Ético-Cultural e educação não formal.** Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas/SP: UNICAMP, 1997.
- CANDEIAS, P. R. P. das. **Os saberes da escola Gigantes do samba.** Dissertação (Mestrado em Educação), Recife: UFPE, 2019.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (orgs). **Juventudes e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo.

Ática, 1997.

GERMANO, I. G. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

GUTERRES, L. S. **“Sou Imperador até Morrer”:** um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade e uma escola de samba de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em antropologia social). Porto Alegre: UFRGS, 1996.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações intra individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, B. **O Homem Plural: os determinantes da ação.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo. Ática, 1997.

SANTOS, F. F. dos. **Escola de samba em São Paulo: identidade e engajamento.** 2013. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). São Paulo: USP, 2013.

SANTOS, T. **A trajetória S.R.B. Estado Maior da Restinga e seu papel na constituição da identidade e visibilidade do bairro Restinga.** Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SILVA, A. **No balanço da “mais querida”:** música, socialização e cultura negra na escola de samba embaixada copa lord – Florianópolis/SC. Dissertação (Mestrado em Música). São Paulo: USP, 2006.

WASELFISZ, J. **Mortes matadas por armas de fogo – Mapa da violência 2015.** Brasília: Secretaria Nacional de Juventude/UNESCO, 2015.